

Rio, 13. Jan: 38

Meu querido Antonio Salles:

Para aproveitar o excelente portador que é o Ruij Vieira, vou dar em tipo dois dedos de prosa.

Antes de mais, deixa que te diga que estou em escriptorio no "Edifício do Paço", à rua 1.º de Moraes n.º 6, 7.º andar. Sala 11. Caixa postal n.º 3053.

Como vês, estou preparado.

Tenho agora o serviço, e é o que se pede. Essa "choldra" vai por ali, as francas e barrancos.

Está o Bonil nas mãos de ambiciosos que o supprêm coisa sua. O carácter nacional desce tanto que parece até se transformar em pantano. Tem-se a impressão

de que voltou o exilado, mas
agora abraçando brancos e negros.

Nem sei como "isso" se apresenta
quando não alicee por o
alcefa político a que se quer
dar o nome de "estado forte."

Ninguém mais tem memória a
cuer dos desígnios do Detulio.
Telle quer tapear. A tapear e o
despistamento, suas nomias, predi-
lectas, tão de sobej, embeida.

Não posso crer que essa água
suja, esse pantano que por ali
vale, não seja tando. O sa-
neamento ha de vir. É uma
questão de tempo. Experimento, pois.

É como oze a sua, para nós,
premississima saúde? É a de
Alice? - Lembra-me sempre
com saudade, com infinita
saudade, do teu "garabinete."

Tenho supraccees de que outros
dias, semelhantes aos que posei
ahi em tipto, na distribuiçã
fraterna desse pão espiri'tual
de que e' o excellentê padeiro, —
ainda hei de viver.

Tudo, absolutamente tudo, eu
guardo na memoria, mas de uma
forma AS objectiva que os me-
mores detalhes, eu estou a ver.

ellande-me, sempre que posso,
sua noticia. Dize aos meus
e aos amigs que estou contente
e disposto ao trabalho e a' lucta.

Lembre-me com saudade a'
Alice, Duente e filho amado;
ao pessoal da Luiziana e aos
amigs. Ten, de coração,

Paulo Martins